

Mediação Intergeneracional, Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida

**Fundamentos e Práticas Formativas na
Universidade da Maturidade**

Jussara Martins de Amorim

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

Nubia Pereira Brito Oliveira

Ruhena Kelber Abrão



Mediação Intergeracional, Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida

**Fundamentos e Práticas Formativas na
Universidade da Maturidade**

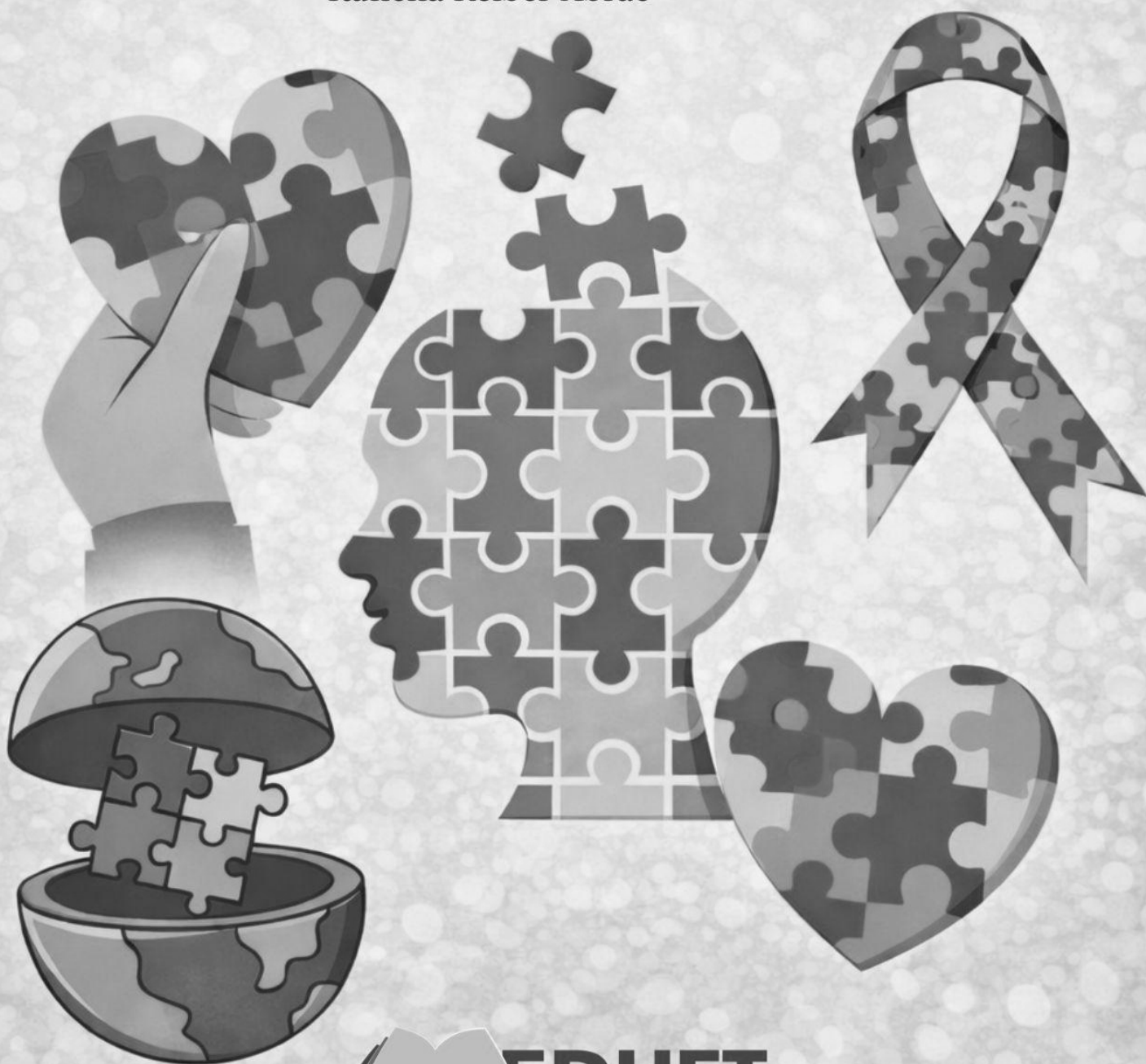
Jussara Martins de Amorim

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

Nubia Pereira Brito Oliveira

Ruhena Kelber Abrão



Jussara Martins de Amorim

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

Nubia Pereira Brito Oliveira

Ruhena Kelber Abrão

Mediação Intergeracional, Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida

Fundamentos e Práticas Formativas na
Universidade da Maturidade

Palmas - TO
2026

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitora

Maria Santana Ferreira dos Santos
Milhomem

Vice-reitor

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Bruno Barreto Amorim Campos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguem Lima
Trombini Duarte

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)

Valdirene Gomes dos Santos de Jesus

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Marcos Vinicius Giongo Alves

Pró-Reitora de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Olivia Tozzi Bittencourt

Conselho Editorial

Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes

Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas

Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar

Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Capa: Mylena Pereira de Brito

Diagramação: Marlon Santos de Oliveira Brito

Revisão Linguística: Os Autores

Revisão Técnica: Amanda Pereira Costa

DOI: 10.20873//_eduft_2026_06

FICHA CATALOGRÁFICA

W388

Mediação Intergeracional, Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida [livro eletrônico]
Fundamentos e Práticas Formativas na Universidade da Maturidade / organização Jussara Martins
de Amorim [et al.]. Palmas, TO
: EduFT, 2026.
44 p.

ISBN: 978-65-5390-227-5

1. Educação intergeracional 2. Envelhecimento humano 3. Longevidade cristiva 4. Universidade da
Maturidade. I. Amorim, Jussara de. II. Osório, Neila Barbosa III. Neto, Luiz Sinésio Silva IV.
Oliveira. Nubia Pereira Brito. V. Abrão. Ruhena Kelber. VI. Mediação Intergeracional,
Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida: Fundamentos e Práticas Formativas na
Universidade da Maturidade

CDD 980.1

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo
184 do Código Penal.



Apresentação

A educação contemporânea tem sido convocada a reconhecer a complexidade da vida humana em suas múltiplas dimensões: geracional, cultural, cognitiva, sensorial e social. Nesse horizonte, esta publicação nasce como um convite ao diálogo entre saberes, experiências e trajetórias que se encontram no espaço vivo da educação.

O livro emerge do compromisso acadêmico e social da Universidade Federal do Tocantins, especialmente por meio da Universidade da Maturidade (UMA), com a promoção da educação ao longo da vida, da inclusão e da valorização das relações intergeracionais. Ao reunir pesquisadores e educadores que atuam diretamente nos campos da educação, da gerontologia, da saúde e da inclusão, a obra apresenta reflexões fundamentadas teoricamente e ancoradas em experiências concretas de formação e de prática educativa.

O trabalho parte da compreensão de que a educação inclusiva exige mais do que normativas institucionais: demanda sensibilidade, conhecimento científico e disposição para compreender as singularidades do desenvolvimento humano. Nesse contexto, a neurodivergência é abordada como expressão legítima da diversidade humana, exigindo práticas pedagógicas que

reconheçam diferentes formas de aprender, comunicar, sentir e interagir.

Ao mesmo tempo, o livro reafirma o potencial transformador da mediação intergeracional. Quando crianças e pessoas idosas compartilham experiências, histórias, brincadeiras e aprendizagens, constroem-se pontes entre tempos de vida distintos. Esses encontros ampliam perspectivas, fortalecem vínculos afetivos e produzem novas formas de compreender o processo educativo. A infância encontra a experiência; a velhice encontra a descoberta; e, entre esses encontros, a educação revela sua dimensão profundamente humana.

A Universidade da Maturidade constitui, nesse cenário, um espaço singular de formação e inovação social. Ao reconhecer pessoas idosas como sujeitos ativos do processo educativo, a instituição promove práticas formativas que articulam conhecimento científico, participação social e compromisso com a transformação da realidade. A mediação intergeracional, desenvolvida nesse contexto, demonstra que a educação pode ser construída coletivamente, envolvendo diferentes gerações na produção de saberes e no fortalecimento de uma cultura inclusiva.

A presente obra organiza-se de forma a apresentar fundamentos conceituais e orientações práticas relacionadas à neurodivergência, às condições do neurodesenvolvimento, à comunicação, ao comportamento, à autorregulação, ao processamento sensorial e ao planejamento pedagógico inclusivo. Ao longo dos capítulos, são discutidos também instrumentos pedagógicos fundamentais, como o Plano Educacional

Individualizado (PEI), além de orientações que auxiliam educadores, famílias e profissionais na compreensão de comportamentos e na promoção de ambientes mais acessíveis e acolhedores.

Mais do que um conjunto de informações técnicas, este livro representa um exercício de escuta e de compromisso ético com a educação. Ele se dirige a educadores, pesquisadores, estudantes, profissionais da saúde, famílias e a todos aqueles que acreditam que aprender e ensinar são movimentos que atravessam toda a vida.

Assim, esta obra reafirma um princípio: educar é reconhecer a dignidade da diversidade humana e construir, coletivamente, caminhos para que todas as pessoas, em qualquer fase da vida, tenham garantido o direito de aprender, participar e existir com plenitude.

Que as páginas que seguem inspirem práticas sensíveis, reflexões profundas e encontros que continuem transformando vidas.

Os autores.

Prefácio

A educação se constrói no encontro entre pessoas, saberes e experiências. Cada gesto de ensinar e aprender carrega em si a possibilidade de transformar trajetórias individuais e coletivas. É com esse sentimento que recebo o convite para prefaciar a obra *Mediação Intergeracional, Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida: Fundamentos e Práticas Formativas na Universidade da Maturidade*, um trabalho que expressa compromisso acadêmico, sensibilidade humana e profundo respeito pela diversidade que compõe o universo educativo.

Este pequeno livro, mas grande em importância e conteúdo revela, desde suas primeiras páginas, um chamado importante à reflexão e à ação. Os autores nos convidam a ampliar o olhar sobre a educação inclusiva, sobre a neurodivergência e sobre o valor das relações intergeracionais como caminhos potentes para a construção de práticas pedagógicas mais humanas, acessíveis e socialmente comprometidas. Ao abordar temas como comunicação, autorregulação, processamento sensorial e planejamento educacional inclusivo, a obra oferece fundamentos teóricos e orientações práticas que dialogam diretamente com os desafios vivenciados diariamente por educadores, famílias e profissionais da educação.

Ao mesmo tempo, esta publicação representa um gesto generoso de partilha de conhecimentos. Escrever e publicar experiências e reflexões educacionais é uma forma concreta de contribuir para o fortalecimento das redes de ensino, ampliando o acesso ao conhecimento produzido nas universidades e nos espaços de prática pedagógica. Nesse sentido, registro minha admiração pela iniciativa dos autores em transformar suas pesquisas, vivências e estudos em uma obra que agora poderá inspirar educadores de diferentes contextos.

Sinto-me especialmente tocada pelo chamado que os autores fazem para que todos nós, gestores, professores, pesquisadores e comunidade, continuemos colaborando com o fortalecimento da educação no município de Palmas. Esse convite reafirma a importância de construirmos uma rede educacional comprometida com a inclusão, com a valorização das diferenças e com a formação humana integral.

Como Secretária Municipal da Educação, é motivo de orgulho para a Rede Municipal de Ensino de Palmas reconhecer que duas das autoras desta obra integram o quadro de profissionais da nossa rede. A presença de educadoras que pesquisam, produzem conhecimento e compartilham suas experiências por meio da escrita acadêmica demonstra a vitalidade intelectual e o compromisso pedagógico que caracterizam nossos professores. A rede municipal, em

especial a de Palmas, Tocantins, se fortalece quando seus educadores assumem também o papel de pesquisadores e autores, ampliando o diálogo entre prática educativa e produção científica.

Outro aspecto inspirador desta obra é a valorização da mediação intergeracional desenvolvida no âmbito da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins, na figura da Prof. Dra. Neila Osório e o Prof. Dr. Luiz Sinésio Neto. A aproximação entre crianças e pessoas idosas revela que a aprendizagem não pertence a uma única etapa da vida. Pelo contrário, ela se constrói continuamente, no diálogo entre gerações, na troca de experiências e na convivência que humaniza e amplia horizontes.

Nesse cenário de fortalecimento educacional, destaca-se a parceria estratégica com o Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS), na figura do Prof. Dr. Kelber Abrão. Essa união foi decisiva para identificar e suprir a crescente demanda por profissionais qualificados, culminando na criação da Especialização em TDAH, TEA, Altas Habilidades e Superdotação. Mais do que uma resposta acadêmica, essa pós-graduação surge da necessidade urgente de oferecer ferramentas teóricas e práticas que permitam um olhar sensível e inclusivo às neurodiversidades, garantindo que o cuidado e a educação

caminhem lado a lado na construção de uma sociedade que acolhe a pluralidade do desenvolvimento humano."

Ao reconhecer a neurodivergência como expressão da diversidade humana e ao defender práticas pedagógicas sensíveis às singularidades do desenvolvimento, o livro reafirma princípios fundamentais da educação contemporânea: equidade, respeito, participação e inclusão. São valores que também orientam o trabalho desenvolvido pela Secretaria Municipal da Educação de Palmas na busca permanente por uma educação pública de qualidade social.

Que esta obra inspire educadores, pesquisadores, gestores e famílias a fortalecerem práticas pedagógicas mais sensíveis, colaborativas e inclusivas. Que também nos recorde que educar é um processo coletivo, construído com responsabilidade, generosidade e esperança.

Aos autores, minha gratidão por compartilharem conhecimento, experiências e reflexões que certamente contribuirão para enriquecer o debate educacional e fortalecer as práticas pedagógicas em nossa cidade e em muitos outros contextos.

Boa leitura.

Anice de Souza Moura
Secretária Municipal da Educação de Palmas/TO

Sumário

Introdução.....	14
O que significa ser neurodivergente?.....	16
Condições do neurodesenvolvimento associadas à neurodivergência.....	18
Comunicação e linguagem nas condições do neurodesenvolvimento.....	21
Aspectos comportamentais e autorregulação.....	23
Interação social e desenvolvimento das habilidades socioemocionais.....	25
Processamento sensorial na neurodivergência.....	27
Plano Educacional Individualizado (PEI).....	29
Como ajudar uma criança a se autorregular?.....	31
Birra e Crise: distinções técnicas e orientações.....	33
Educação de crianças neurodivergentes na perspectiva inclusiva.....	35
Referências.....	37
Autores.....	39

Introdução

Há encontros que transformam! Quando uma criança e uma pessoa idosa se sentam lado a lado, tempos de vida distintos se reconhecem, experiências se entrelaçam e novas possibilidades de aprendizagem emergem. É nesse espaço sensível de convivência que se escreve a obra **Mediação Intergeracional, Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida: Fundamentos e Práticas Formativas na Universidade da Maturidade**, construída a partir da escuta, do cuidado e do compromisso com a inclusão.

Olhar para a infância, especialmente quando atravessada pela neurodivergência, exige delicadeza: observar antes de rotular, compreender antes de julgar. Nem todo sinal significa transtorno, mas é importante observar com carinho se a criança apresenta dificuldades persistentes na comunicação, na interação social, na autorregulação emocional ou reações intensas a estímulos sensoriais. Quando vários sinais aparecem de forma associada e contínua, pode ser o momento de buscar ajuda profissional qualificada. Cuidar é também reconhecer limites e compreender que o apoio especializado pode ampliar possibilidades de desenvolvimento.

A proposta da Universidade da Maturidade fundamenta-se na educação ao longo da vida como prática permanente, dialógica e emancipatória. Pessoas idosas são reconhecidas como sujeitos ativos,

aprendentes e mediadores sensíveis do desenvolvimento infantil. Ao aproximar infância e envelhecimento, a intergeracionalidade transforma-se em experiência formativa potente, fortalecendo vínculos, ampliando repertórios culturais e consolidando a inclusão como cultura institucional.

Este livro articula fundamentos teóricos e orientações práticas que dialogam com a neurodivergência, a mediação pedagógica e o compromisso ético com a equidade. Afirma-se, assim, que a educação inclusiva não é concessão, mas direito; não é favor, mas responsabilidade coletiva. Entre o cuidado e o conhecimento, entre a experiência e a descoberta, reafirma-se o princípio que sustenta esta obra: aprender é movimento contínuo da vida, e educar é ato de humanidade compartilhada.

O que significa ser neurodivergente?

Compreender o que significa ser neurodivergente é fundamental para a construção de práticas educativas inclusivas. O termo neurodivergente refere-se à pessoa cujo funcionamento neurológico apresenta variações em relação ao padrão estatisticamente majoritário, abrangendo diferentes formas de perceber, sentir, comunicar, aprender e interagir.



NEURODIVERGÊNCIA

não se trata de doença ou falha, mas de expressão da diversidade humana, em consonância com o modelo biopsicossocial previsto na Lei Brasileira de Inclusão.

Entre as condições associadas à neurodivergência estão o Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), Deficiência Intelectual e Altas Habilidades/Superdotação, Dislexia, Discalculia, e o Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD), todas demandando práticas pedagógicas sensíveis às singularidades do desenvolvimento.

A proposta intergeracional amplia esse entendimento ao aproximar infância e envelhecimento como fases atravessadas por aprendizagens contínuas. As gerações são construções históricas e sociais, tornando o encontro entre crianças neurodivergentes e pessoas idosas espaço de troca e produção de sentido.

Na Universidade da Maturidade, a educação ao longo da vida configura-se como prática permanente, dialógica e emancipatória, constituindo princípio estruturante da formação de pessoas idosas como sujeitos ativos. Nesse espaço extensionista, a intergeracionalidade articula-se à Educação Infantil, promovendo aprendizagens relevantes e articuladas entre crianças e pessoas idosas, em um processo de troca, escuta e construção coletiva de saberes.

Tal dinâmica fortalece vínculos, amplia repertórios culturais e contribui para a consolidação da inclusão como cultura institucional colaborativa, fundamentada na participação, no respeito à diversidade e na construção coletiva do conhecimento.



Condições do neurodesenvolvimento associadas à neurodivergência

Fortalecer práticas inclusivas com crianças, famílias e profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), bem como qualificar a formação de educadores sociais idosos, exige a compreensão das condições do neurodesenvolvimento associadas à neurodivergência.



Essas **CONDIÇÕES** correspondem a variações no desenvolvimento cerebral que impactam funções cognitivas, emocionais, comportamentais e sociais e, por não serem sempre visíveis, são frequentemente chamadas de “deficiências invisíveis”, o que pode gerar estigmatização e interpretações equivocadas.

Nem todas essas condições são classificadas como deficiência, uma vez que, à luz do modelo biopsicossocial, a deficiência é compreendida como resultado da interação entre impedimentos de longo

prazo e as barreiras presentes no contexto social, que podem limitar ou dificultar a participação plena e efetiva da pessoa na sociedade em igualdade de condições com as demais.

Pessoas com condições do neurodesenvolvimento podem necessitar de mais tempo para a realização de tarefas, apoio nos processos de comunicação ou ambientes sensorialmente acolhedores. Tais necessidades não indicam incapacidade, mas evidenciam a importância de planejamento pedagógico flexível, sensível às singularidades.

As bases teóricas que fundamentam a compreensão do desenvolvimento psicológico e a organização de intervenções adequadas enfatizam a mediação como elemento central do processo educativo, sustentando que toda criança pode avançar quando recebe apoio sensível e qualificado.

No âmbito das práticas formativas na Universidade da Maturidade, a intergeracionalidade é concebida a partir da compreensão de que as gerações constituem construções sociais. Evidências indicam que essas experiências promovem aprendizagens, fortalecem vínculos e favorecem a inclusão, reafirmando, assim, o compromisso da instituição com a educação ao longo da vida.



Comunicação e linguagem nas condições do neurodesenvolvimento

A comunicação constitui dimensão central do desenvolvimento humano e elemento estruturante das relações intergeracionais. No contexto da Universidade da Maturidade, a compreensão das especificidades da linguagem nas condições do neurodesenvolvimento qualifica a atuação de educadores sociais idosos junto às crianças, às suas famílias e aos profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE).



Nas condições associadas à neurodivergência, a **COMUNICAÇÃO** pode manifestar-se de formas diversas, incluindo atraso na linguagem oral, ausência de fala, ecolalia, dificuldades na compreensão de instruções e desafios na comunicação não verbal, como contato visual e expressões faciais.

Tais características não indicam desinteresse ou incapacidade, mas modos singulares de organização da linguagem que demandam mediação pedagógica sensível.

No campo do Transtorno do Espectro Autista, as dificuldades comunicativas envolvem dimensões interacionais e simbólicas, exigindo intervenções estruturadas e ambientes seguros. Essa compreensão evidencia a influência do processamento sensorial na construção da linguagem, uma vez que a forma como a criança percebe e organiza os estímulos do ambiente impacta diretamente sua expressão e sua interação social.

A expressão do conhecimento manifesta-se por múltiplas linguagens, como a corporal, a musical e a visual-espacial. Nessa perspectiva, a inclusão demanda transformação estrutural das práticas educativas, assegurando acessibilidade comunicacional por meio de recursos visuais e da organização de rotinas estruturadas que promovam previsibilidade e segurança.

Nesse cenário, a Universidade da Maturidade atua na formação de pessoas idosas, mediando processos pautados na escuta atenta, no respeito ao tempo da criança e na valorização de suas iniciativas comunicativas. Tal abordagem fortalece vínculos intergeracionais e amplia as possibilidades de participação, reafirmando que compreender a linguagem nas condições do neurodesenvolvimento implica reconhecer e legitimar formas próprias de expressão.

Aspectos comportamentais e autorregulação

Ao buscarem compreender os aspectos comportamentais e os processos de autorregulação, os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), as famílias e os educadores sociais idosos qualificam sua atuação junto a crianças neurodivergentes, fortalecendo práticas mais sensíveis, colaborativas e inclusivas.



Na busca pela compreensão dos **ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E AUTORREGULAÇÃO** é preciso superar interpretações moralizantes acerca de comportamentos como birras intensas, resistência a mudanças de rotina ou agitação elevada.

Principalmente no trabalho com crianças, o adulto deve reconhecer tais comportamentos não como desobediência, mas como manifestações vinculadas à organização neurológica, emocional e sensorial.

No contexto das práticas formativas da Universidade da Maturidade, entende-se que as condições do neurodesenvolvimento exigem compreensão qualificada acerca das alterações na flexibilidade cognitiva, no controle inibitório e na regulação emocional. Na instituição, comportamentos considerados desafiadores são analisados a partir de sua função comunicativa.

A autorregulação desenvolve-se progressivamente por meio da mediação social, iniciando-se como co-regulação na relação com o adulto. Estratégias como a organização de rotinas estruturadas, a antecipação de mudanças e a validação das emoções contribuem para esse processo.

Nesse percurso formativo, a atuação intergeracional revela-se especialmente relevante, pois pessoas idosas, sob uma perspectiva ética e inclusiva, deslocam o foco da punição para a mediação qualificada, fortalecendo a formação de profissionais comprometidos com a equidade, o cuidado e a inclusão intergeracional.

Interação social e desenvolvimento das habilidades socioemocionais

Sob a perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento das habilidades socioemocionais ocorre por meio da interação mediada, tornando indispensável a organização de ambientes que favoreçam experiências significativas de convivência, respeitando o ritmo e as formas próprias de participação.



A **INTERAÇÃO SOCIAL**

constitui elemento estruturante do desenvolvimento humano e algumas crianças neurodivergentes podem preferir brincar sozinhas, evitar contato visual ou não responder prontamente ao chamado.

Ou seja, dificuldades na reciprocidade social e na comunicação exigem intervenções estruturadas, previsíveis e sustentadas por vínculos afetivos seguros, não devendo ser interpretadas como desinteresse.

O processamento sensorial influencia diretamente as respostas sociais, de modo que comportamentos como evitar contato visual podem decorrer de desconforto sensorial, sem significar ausência de escuta, atenção e compreensão. Reconhecer essa dinâmica é fundamental para evitar interpretações equivocadas e promover interações mais respeitosas e ajustadas às necessidades individuais.

Compreender as dimensões interpessoal e intrapessoal como expressões legítimas da inteligência contribui para evitar comparações inadequadas e fortalecer práticas pedagógicas diversificadas. No âmbito das políticas educacionais, há orientações que incentivam ações voltadas ao pertencimento, à acessibilidade e à valorização das diferenças.

Nesse contexto, as pessoas idosas da Universidade da Maturidade participam de atividades cooperativas e de narrativas compartilhadas, vivenciando, na prática, experiências de interação social com crianças em condições de desenvolvimento. Essa convivência fortalece uma postura ética fundamentada em conhecimento técnico, sensibilidade e respeito à diversidade.

Processamento sensorial na neurodivergência

O processamento sensorial refere-se à maneira como o sistema nervoso recebe e organiza estímulos ambientais e, nas condições do neurodesenvolvimento, especialmente no Transtorno do Espectro Autista (TEA), pode apresentar padrões diferenciados. Tal elemento é central para qualificar práticas pedagógicas inclusivas na Universidade da Maturidade.



○ **PROCESSAMENTO SENSORIAL** na neurodivergência, algumas crianças demonstram hipersensibilidade a sons, luzes ou toques; outras revelam hipossensibilidade ou busca intensa por estímulos, manifestada em movimentos repetitivos ou necessidade de atividade corporal.

Tais respostas não configuram exagero ou indisciplina, mas formas legítimas de funcionamento neurológico.

Essa compreensão evidencia que estímulos cotidianos podem ser percebidos de forma intensificada ou fragmentada, fazendo com que sons, luzes ou texturas se tornem fontes de desconforto, enquanto o movimento pode funcionar como estratégia de organização interna. Tal dinâmica revela a importância de considerar as diferenças sensoriais na interpretação dos comportamentos e na organização das práticas educativas.

No campo pedagógico, esse entendimento requer reorganização do ambiente, com redução de ruídos, controle de luminosidade, oferta de espaços de pausa, utilização de recursos visuais e integração de atividades corporais ao cotidiano. As diferentes formas de aprender devem ser valorizadas, articulando as especificidades sensoriais às múltiplas expressões da aprendizagem.

No contexto intergeracional na Universidade da Maturidade, as pessoas idosas atuam como mediadoras sensíveis, antecipando situações de possível sobrecarga e promovendo segurança emocional. Dessa forma, consolidam-se práticas éticas e inclusivas, alinhadas ao princípio da educação ao longo da vida e comprometidas com a valorização da diversidade humana.

Plano Educacional Individualizado (PEI)

O Plano Educacional Individualizado (PEI) é apresentado como instrumento pedagógico de efetivação da educação inclusiva em instituições de ensino.



O **Plano Educacional Individualizado (PEI)** é compreendido como ferramenta técnico-científica que articula planejamento, acompanhamento e avaliação da aprendizagem de crianças com necessidades educacionais específicas decorrentes de deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento ou outras condições que demandem apoios diferenciados.

O documento registra necessidades identificadas, estabelece metas de curto, médio e longo prazo, orienta estratégias metodológicas e o acompanhamento sistemático dos avanços e desafios.

O PEI fundamenta-se nos princípios da equidade e da personalização do ensino, reconhecendo que assegurar igualdade de direitos não implica padronizar práticas, mas garantir condições adequadas de acesso, participação e aprendizagem na classe comum.

Do ponto de vista normativo, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva orienta e respalda a elaboração do PEI ao reafirmar o direito à acessibilidade curricular e às adaptações razoáveis. A Lei nº 9.394/1996 e a Lei nº 13.146/2015 asseguram juridicamente o atendimento educacional adequado, a permanência e a aprendizagem sem discriminação, consolidando o compromisso legal com a educação inclusiva.

Na proposta intergeracional da Universidade da Maturidade, pessoas idosas em formação como educadoras sociais participam de vivências de acompanhamento de estudantes, contribuindo para a compreensão de como acontece o apoio individualizado e para o fortalecimento de práticas pedagógicas sensíveis e inclusivas.

Como ajudar uma criança a se autorregular?

A autorregulação é entendida como competência essencial ao desenvolvimento integral e à construção de ambientes inclusivos. Na Universidade da Maturidade, reconhece-se que aprender envolve dimensões cognitivas, emocionais e corporais, especialmente nas condições do neurodesenvolvimento.



AUTORREGULAÇÃO

corresponde à capacidade de organizar emoções, corpo e atenção, sendo construída progressivamente por meio da mediação de adultos significativos. Muitas crianças neurodivergentes ainda estão desenvolvendo essa habilidade e necessitam de apoio estruturado e sensível.

Desse modo, ações que envolvem o desenvolvimento psicológico ocorrem na interação com o meio social e exigem estratégias diferenciadas para consolidar a regulação emocional e comportamental.

As diferenças no processamento sensorial impactam diretamente a autorregulação, uma vez que sobrecargas podem desencadear crises ou estados de desorganização. Torna-se, portanto, indispensável compreender o funcionamento neurológico da criança para interpretar adequadamente suas respostas e planejar intervenções coerentes com suas necessidades.

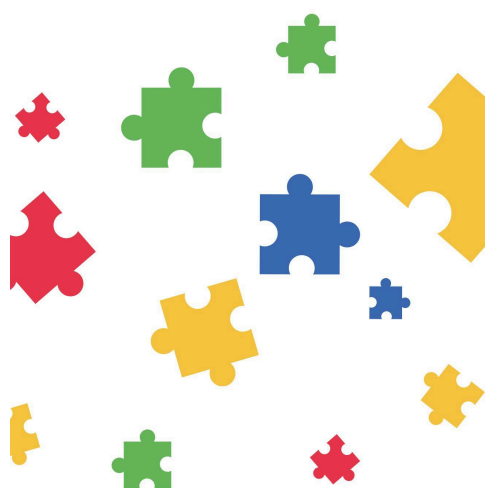
Estratégias como a organização do ambiente, a redução de estímulos excessivos, a estruturação de rotinas previsíveis e a antecipação de mudanças favorecem a segurança emocional. A mediação afetiva, por meio da nomeação e validação de sentimentos e da modelagem de estratégias de enfrentamento, contribui para a internalização progressiva de recursos autorregulatórios. Pausas para movimento também auxiliam na reorganização corporal e atencional, funcionando como apoio ao equilíbrio sensório-emocional.

Na Universidade da Maturidade, compreendem-se as gerações como construções sociais, ressaltando o potencial formativo do encontro entre infância e velhice. Nesse contexto, pessoas idosas estudam e se preparam para atuar como mediadoras afetivas.



Birra e Crise: distinções técnicas e orientações

Diferenciar a birra de crise é essencial para qualificar práticas inclusivas e evitar interpretações equivocadas sobre o comportamento infantil.



A **BIRRA** integra o desenvolvimento típico, caracteriza-se por frustração diante de um “não”, manutenção parcial do controle e intencionalidade comunicativa, podendo cessar mediante negociação ou obtenção do que se deseja.

Já a **CRISE** representa perda real de controle, geralmente associada à sobrecarga sensorial ou exaustão, manifestando-se por choro intenso, gritos ou movimentos repetitivos, sem intenção de manipulação.

O desenvolvimento psicológico envolve a aprendizagem progressiva do controle emocional e, nas condições do neurodesenvolvimento, podem ocorrer manifestações mais intensas que exigem análise criteriosa e fundamentada. Compreender essas especificidades é essencial para interpretar adequadamente comportamentos e evitar julgamentos simplificadoros.

Nesse sentido, a atuação pedagógica deve priorizar a segurança e a regulação emocional, por meio de presença calma, redução de estímulos e oferta de tempo para reorganização. Após o momento de desregulação, é possível dialogar sobre possíveis gatilhos e construir estratégias preventivas. A distinção técnica entre birra e crise contribui para evitar práticas punitivas, em consonância com a Lei nº 9.394/1996 e a Lei nº 13.146/2015.

Essa diferenciação constitui pauta de estudo na formação desenvolvida pela Universidade da Maturidade, fortalecendo um exercício ético e promovendo práticas pedagógicas respeitadas, alinhadas aos princípios da inclusão e da educação ao longo da vida.

Educação de crianças neurodivergentes na perspectiva inclusiva

No âmbito da obra Mediação Intergeracional, Neurodivergência e Educação ao Longo da Vida: Fundamentos e Práticas Formativas na Universidade da Maturidade, acompanhamos a educação de crianças neurodivergentes compreendida como compromisso ético, político e pedagógico que envolve escola, família, universidade e sociedade.



Educar **CRIANÇAS NEURODIVERGENTES** constitui aprendizado coletivo, exigindo revisão de práticas escolares, fortalecimento do cuidado familiar, eliminação de barreiras sociais e ressignificação de concepções sobre normalidade e aprendizagem.

A proposta da Universidade da Maturidade, fundamenta-se na perspectiva inclusiva, na educação ao longo da vida e na mediação intergeracional como eixos estruturantes da formação de educadores sociais.

A inclusão supera modelos homogeneizadores e reafirma a importância da mediação e da interação social como fundamentos do desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, práticas intergeracionais ganham relevância ao possibilitar que pessoas idosas atuem como mediadoras do desenvolvimento infantil.

Ressalta-se, ainda, que a efetivação da inclusão depende da construção de uma cultura colaborativa, do planejamento coletivo e do fortalecimento do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Embora haja evidências de avanços nas políticas públicas brasileiras, persistem desafios relacionados à formação docente e à superação de práticas segregadoras, o que reforça a necessidade de articulação consistente entre teoria e prática.

A educação é concebida como direito humano permanente, de caráter dialógico e emancipatório, perspectiva que sustenta a participação ativa de pessoas idosas tanto como aprendizes quanto como educadoras. Nesse contexto, educar crianças neurodivergentes implica transformar práticas pedagógicas, rever concepções e consolidar o princípio estruturante e humanizador das relações educativas.

Referências

BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice Alves.

Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BATISTA, C. R. **Inclusão e escolarização:** múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BRASIL (1994) **Declaração de Salamanca** e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE.

BRASIL, Política Nacional de **Educação Especial na Perspectiva da educação Inclusiva.** Brasília, MEC/SEESP, 2008.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento.** Sociedade e Estado (UnB. Impresso), v. 25, p. 225-250, 2010.

CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto. **Educação especial na perspectiva da educação inclusiva** em diferentes municípios. Cadernos Cedes, v. 38, p. 261-265, 2018.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MACHESI, A. (2004) **Desenvolvimento psicológico e educação:** transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: Artes Médicas.

GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida.** 2016.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista: pensando através do espectro.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito et al. **Educação intergeracional na educação infantil:** aprendizagens entre crianças e pessoas idosas na universidade da maturidade. *Cadernos Cajuína*, v. 10, n. 4, p. e1147-e1147, 2025.

PACHECO, José; EGGERTSDÓTTIR, Rósa; MARINÓSSON, Gretar L. (Orgs.). **Caminhos para a Inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Autores

Jussara Martins de Amorim

Possui graduação em Pedagogia pela FUNEPE, além de curso de extensão em Libras pela mesma instituição. Realizou também o Curso de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE): Educação Precoce na Região Amazônica, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins. É especialista em Educação Especial e Neuropsicopedagogia pela ÚNICA, possuindo experiência na área de supervisão escolar. Atualmente, atua como professora da Rede Municipal de Educação de Palmas, desenvolvendo seu trabalho na sala de recursos do CMEI Carrossel, onde realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltado à inclusão e ao desenvolvimento das crianças. É discente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Mestrado em Educação da Universidade Federal do Tocantins, dedicando-se a estudos e pesquisas na área da educação inclusiva e intergeracional.

Neila Barbosa Osório

Professora Titular da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Fundadora e Coordenadora Internacional da Universidade da Maturidade (UMA), Tecnologia Social em Educação certificada pela Fundação Banco do Brasil (2011 e 2013), com 22 polos em três estados brasileiros e Portugal. Criadora da metodologia TRAMA VIVA. Pós-doutora em Educação (UEPA). 49 anos de pesquisa, 32 especializados em envelhecimento humano e educação intergeracional. 61 pesquisadores formados (10 doutores, 40 mestres, 11 pós-doutores), incluindo o primeiro mestre e primeiro doutor Xerente do Brasil e a primeira doutora quilombola do Tocantins. Prêmio Darcy Ribeiro de Educação (Câmara dos Deputados, 2023). Primeira patente da história da UFT. Colaboradora Honorífica da Universidad Rey Juan Carlos (Espanha). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFT) e do Doutorado em Educação na

Amazônia (PGEDA/Educanorte). Líder do Grupo de Pesquisa Educação Intergeracional e Altas Habilidades (GIPEEIAH). Pesquisa atual: significados da educação intergeracional em territórios indígenas, quilombolas e de diversidade, com abordagem fenomenológica.

Luiz Sinésio Silva Neto

Possui Pós Doutorado pela Universidade Federal do Tocantins, Doutorado em Ciências e Tecnologia em Saúde-UNB-DF, Mestrado em Gerontologia-UCB-DF, Especialização em Gerontologia- UFT-TO, Especialização em Fisiologia do Exercício Aplicada a Clínica-UNIFESP, graduação em Educação Física. É professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins do curso de Medicina. Coordena e é docente do programa "Universidade da Maturidade-UMA" na Universidade Federal do Tocantins. É professor efetivo do Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. Líder do grupo de pesquisa: Progero- Envelhecimento Humano e Saúde Digital. Presidente da SBBG-Representação-TO e Diretor Científico da Associação Brasileira de Alzheimer-Seccional Tocantins. Membro da Sociedade Brasileira de Gerontecnologia. Autor de artigos científicos e livros na área da gerontologia. Atua nas áreas de pesquisas: Efeito do treinamento resistido na saúde dos idosos, Alterações de composição corporal e envelhecimento, Sarcopenia, Obesidade Sarcopênica, Qualidade de Vida, Avaliação funcional no idoso, Envelhecimento, Gerontologia e Saúde Digital. Recebeu o título de Cidadão Tocantinense (2020).

Nubia Pereira Brito Oliveira

Doutoranda em Educação na Amazônia, no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); vencedora do Prêmio Qualidade na Educação Infantil (MEC), com o projeto Brincando e Aprendendo com o Vovô; vencedora do Prêmio Professores do Brasil (MEC), com o projeto Cantinhos de Brincadeiras e Interações; especialista em Educação Infantil (UCAM) e em Psicopedagogia (EADCON); graduada em Pedagogia (UNIRG); leitora crítica das publicações do Projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil (UFMG); reconhecimento profissional internacional na Irlanda (CAPES); expositora no programa Professor Presente (TV Escola); com experiência em coordenação, supervisão e gestão escolar. Atualmente é professora na Rede Municipal de Palmas, no Centro Municipal de Educação Infantil Amâncio José de Moraes.

Ruhena Kelber Abrão

Professor Associado da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Lazer e Sociedade (CEPELS), leciona nos cursos de Educação Física e Psicologia. É também Coordenador e Professor Permanente do Mestrado Profissional em Rede em Educação Física e do Doutorado em rede de Educação na Amazônia e no Mestrado acadêmico Educação. Atua como Presidente da Editora Universitária da UFT (EdUFT). Entre os projetos coordenados, destacam-se quatro cursos de pós-graduação lato sensu (especialização), desenvolvidos em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC): Pós-Graduação em Bem-Estar, Saúde e Lazer Docente; Pós-Graduação em Inovação Pedagógica na Educação Digital; Pós-Graduação em Gestão de Equipes e Liderança Educacional; Pós-Graduação em Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação. É Coordenador de Gestão do PIBID. Seus principais campos de atuação incluem docência e gestão nas áreas de Educação e Saúde, com foco em: Formação de Profissionais para a Docência, Estudos do Lazer, Educação Especial, Inclusiva e Adaptada, Gestão e Planejamento, Políticas Públicas em Saúde, Ciclos de Vida.

